

'Taxar os ricos' recomenda Sachs

Dir. da Estima
GAZETA MERCANTIL

"Taxar os ricos", recomenda Sachs

30 AGO 1989

GAZETA MERCANTIL

por Claudia de Souza
de São Paulo

"O Fundo Monetário Internacional (FMI) pode ser um aliado em vez de um inimigo se o Brasil souber negociar com seus técnicos um programa de reestruturação de economia que leve em conta seus interesses de longo prazo e que tenha a profundidade suficiente para equacionar seus problemas. Isso pode ser feito, e já foi feito por países como a Venezuela e Costa Rica", disse ontem a este jornal o economista Jeffrey Sachs, ao terminar uma visita relâmpago a São Paulo, onde veio participar do seminário "Hiperinflação e o Futuro da América Latina". Ele chegou pela manhã e partiu no final da tarde para o aeroporto de Guarulhos, com destino à Polônia.

Sachs, economista de 34 anos formado em Harvard, tornou-se famoso ao assessorar o governo boliviano em seu plano antiinflacionário de 1985, esteve envolvido com a primeira equipe econômica do presidente argentino Carlos Saúl Menem e é agora assessor informal da Polônia, que acredita estar caminhando de uma economia socialista para uma de mercado.

Ao palestrar para um auditório de executivos e economistas, ele fez enfáticas críticas ao governo brasileiro por "negociar mal" com os credores internacionais, aos candidatos à Presidência por não estarem ainda com equipes e idéias formadas para um programa de governo e chamou a questão social brasileira — a desigualdade social e a desocupação com a taxação de riqueza — de "um escândalo".

"A incapacidade de taxar os ricos e a sonegação de impostos são uma tragédia nacional", disse referindo-se ao Brasil e à Argentina.

"O acordo brasileiro com os credores foi um horror. É preciso parar de sacrificar a estabilidade social

por Claudia de Souza
de São Paulo
(Continuação da 1ª página)

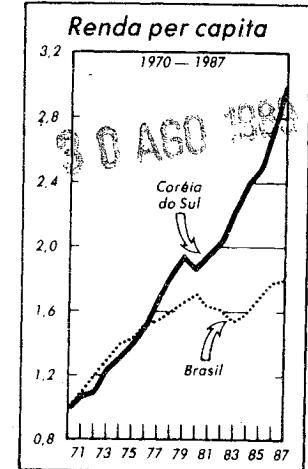
para pagar aos bancos", declarou Sachs. Estão aí duas de suas idéias. A primeira é a de que, em países com grande desigualdade de renda são as elites que saem favorecidas quando um país é chamado a fazer sacrifícios para honrar seus compromissos lá fora. "Os créditos para exportação tornam-se mais abundantes", ele diz. A segunda idéia é a de que os países com dificuldades de dívida externa deveriam conceder suas negociações com os credores de uma forma mais "abrangente", como ele define, dirigindo-se não apenas a instituições individuais mas ao todo da opinião pública norte-americana e às instituições que a representam.

Sachs trocou ideias com um grupo de especialistas e realizadores de programas de estabilização econômica em Israel, México e Bolívia, como o ex-ministro do Planejamento boliviano Gonzalo Sánchez de Losada, a quem ele não poupa elogios, Jesús Silva Herzog, ex-ministro da Fazenda do México e diretor do Centro de Estudos Monetários Latino-Americanos, e o embaixador Rubens Ricupero, chefe da Missão Brasileira nas Nações Unidas/Gatt em Genebra.

Ele começou sua palestra reportando as atuais dificuldades dos países que enfrentam estagnação econômica e hiperinflação ao estilo populista de distribuir receitas geradas por meio de empréstimos no exterior em vez de redistribuir renda gerada por seu crescimento econômico. Ele argumentou que a pressão para gastar mais do que tem viria da instabilidade social gerada pela desigualdade e a necessidade de "apagar incêndios" além da incapacidade de taxar os ricos de forma apropriada.

Ele tem a apoio de pelo menos um dos presentes, ontem à mesa, o coronel Emanuel Sharon, que chefiou a equipe que concebeu o plano israelense de estabilização em 1985, para quem uma das tarefas ainda a ser feitas em seu país seria a imposição de um imposto único sobre o capital, que diminua entre 10 e 15% o valor total da dívida interna.

Comparando as economias da Ásia Oriental, que estariam conseguindo melhores performances por optarem por políticas liberais de importação e exportação, Sachs criticou como custosa a tendência dos governos latino-americanos de proteger o mercado interno. E referiu-se aos anos quarenta e ao modelo de substituição de importações e protetor da burguesia e do mercado nacionais definido Raúl Prebisch, economista chileno fundador da Cepal, e os técnicos que na época defenderam essas idéias, como "sem



imaginação" para pensar um modelo aberto, a exemplo do que fizeram os chamados tigres asiáticos. Esta expressão foi bastante usada no seminário por seu antigo empregador, o ex-ministro boliviano Sánchez de Losada, para definir qual seria o objetivo da Bolívia, se ele voltar ao poder.

Nesse ponto, Sachs foi chamado a razão em seu "simplismo" pelo professor Charles S. Maier, historiador formado também em Harvard, autor de estudos considerados clássicos sobre hiperinflação, que lhe lembrou intervalos de séculos entre a entrada dos países latino-americanos na ordem econômica internacional, como exportadores de produtos primários, e a penetração dos países asiáticos nas brechas abertas nos países industrializados em anos recentes.

Sachs já reconheceu, antes mesmo de ser apontado, a complexidade da economia brasileira, para a qual soluções simples não têm serventia.

"O modelo de liberalização da Bolívia não pode ser implantado no Brasil porque a indústria é muito mais diversificada e seria muito difícil taxar as importações com uma tarifa única de 20% e com a liberação total das exportações; mas poderia ter uma política mais aberta", declarou pela manhã à repórter Cynthia Malta.

Respondendo ao embaixador Ricupero, Sachs detalhou o que entende como caminhos para evitar o conflito social e combater eficazmente a inflação alta. Ele reconheceu a impossibilidade de corrigir a má distribuição da renda num período curto de tempo. "Uma reforma tributária tem que ser central num plano de contenção da inflação", disse Sachs. "Muita experiência foi já acumulada por países que combateram a hiperinflação em definir programas de proteção às camadas mais pobres da população", acrescentou, referindo-se à Unicef. "Os candidatos à Presidência deveriam estar com suas equipes de técnicos formadas, já viajando pelo mundo em busca de experiências. Isto não pode ficar para depois."

(Continua na página 7)